

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
INSTITUTO INTEGRADO DE SAÚDE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

**VIOLÊNCIA CONTRA PROFISSIONAIS DA ÁREA DA SAÚDE: UMA ANÁLISE
DOS EVENTOS NOTICIADOS PELA IMPRENSA SUL-MATO-GROSSENSE**

FELIPE MOURA CAVALCANTE

CAMPO GRANDE/MS

2024

FELIPE MOURA CAVALCANTE

**VIOLÊNCIA CONTRA PROFISSIONAIS DA ÁREA DA SAÚDE: UMA ANÁLISE
DOS EVENTOS NOTICIADOS PELA IMPRENSA SUL-MATO-GROSSENSE**

Trabalho de Conclusão de Curso elaborado como requisito obrigatório para aprovação na disciplina de Investigação em Saúde, do Curso de Graduação em Enfermagem, do Instituto Integrado de Saúde da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Grupo de Pesquisa: GEPSAT – Grupo de pesquisa em saúde do trabalhador

Orientador: Professora Dr^a. Luciana Contrera
Coorientador: Professor Dr. Helder Lima

CAMPO GRANDE/MS

2024

FELIPE MOURA CAVALCANTE

**VIOLÊNCIA CONTRA PROFISSIONAIS DA ÁREA DA SAÚDE: UMA ANÁLISE
DOS EVENTOS NOTICIADOS PELA IMPRENSA SUL-MATO-GROSSENSE**

Trabalho de Conclusão de Curso elaborado como requisito obrigatório para aprovação na disciplina de Investigação em Saúde, do Curso de Graduação em Enfermagem, do Instituto Integrado de Saúde da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

A banca examinadora, após a avaliação do trabalho, atribuiu ao candidato o conceito

_____.

Prof.^a Dr.^a Luciana Contrera – Orientadora INISA/UFMS

Prof.^o Dr. Hélder Samuel dos Santos Lima – Coorientador PROAES/UFMS

Prof.^a Dr.^a Priscila Maria Marcheti – INISA/UFMS

CAMPO GRANDE/MS

2024

Dedico este trabalho aos meus pais, que sempre me apoiaram durante toda minha jornada acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter guiado e abençoado todo meu caminho durante a graduação. E claro, aos meus pais que sempre me ofereceram suporte emocional, estrutural e financeiro para nunca desistir da faculdade e conquistar o título de bacharel em enfermagem pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Agradeço a todos os meus amigos, Bruna, Malu, Caíque, Letícia, Mafe, Paulo, Mayara e Vitória, e em especial, minha dupla durante toda a graduação, Isabela Farias. Obrigado por me ajudarem em todos os momentos de crise “vou trancar esse curso”, devo a eles minha sanidade mental.

Agradeço à professora Dr.^a Luciana Contrera por ter proporcionado a pesquisa durante a graduação, foram 2 anos de muito aprendizado e estudos com a Iniciação Científica. Agradeço também, ao Prof.^o Dr. Hélder Lima, que nos ajudou na construção e desenvolvimento dessa pesquisa.

Por fim, agradeço aos professores da banca examinadora, por aceitarem o convite da defesa.

EPÍGRAFE

“Algumas batalhas são vencidas com espadas e lanças, outras com papel e caneta.”

Game Of Thrones

RESUMO

Não é novidade que a violência está presente em diversos contextos sociais. No âmbito de trabalho, ela é uma realidade notória que implica em riscos à integridade física e emocional do trabalhador. Atualmente, os veículos de imprensa são significativos nos processos identitários de todas as profissões, expressando um contexto social vivenciado pelos cidadãos. Este estudo se justifica pela necessidade de questionar o perfil das violências contra trabalhadores da saúde noticiadas pela imprensa sul-mato-grossense. Trata-se de um estudo quantitativo e qualitativo de base documental, fundamentado na análise de conteúdos jornalísticos. Os dados foram extraídos de fontes que incluíam matérias veiculadas sobre violência contra profissionais de saúde no estado de Mato Grosso do Sul. As variáveis categóricas utilizadas na tabulação dos dados, que compreendem a análise quantitativa, foram elaboradas com base nos dados do SINAN (Sistema de Informação de Agravos de Notificação). Paralelamente, foi realizado um cruzamento de informações a partir do banco de dados do SINAN, comparando o número de profissionais que notificaram violência relacionada ao trabalho com os conteúdos jornalísticos das vítimas de violência. A análise qualitativa baseou-se na análise de conteúdo, a partir dos motivos relatados nas matérias jornalísticas que causaram as violências contra profissionais da saúde. O material analisado aponta que 44 profissionais de saúde foram vítimas de violência relacionada ao trabalho, sendo estes, 51% (n=22) do sexo feminino, 44% (n=19) do sexo masculino, e 5% (n=3) não identificados. 34% (n= 15) são profissionais médicos, 32% (n=14) enfermeiros, 25% (n=11) técnicos de enfermagem, 4% (n=2) dentistas e 5% (n=2) profissionais de saúde cuja área de atuação não foi especificada. As unidades de pronto atendimento (UPA) foram os locais que mais registraram violência, com 39% (n=17). Violência verbal seguida de violência física foram as mais reportadas no período, com 82% (n= 36). O motivo das agressões noticiadas era específico para cada caso, no entanto, a leitura de cada matéria jornalística permitiu extrair um tema geral que explicava a razão da violência. A maioria das agressões, 29% (n=12), foi resultado de desentendimentos no manejo do atendimento pelo profissional. O estudo destacou que os profissionais de enfermagem são os que mais sofrem violência relacionada ao trabalho, especialmente as mulheres, sendo os pacientes os principais perpetradores das agressões. Além disso, observou-se uma baixa adesão à notificação compulsória por meio do SINAN.

Descritores: Enfermagem; Meios de Comunicação de Massa; Profissional da saúde; Vigilância em Saúde do Trabalhador; Violência no Trabalho

ABSTRACT

It is not news that violence is present in various social contexts. In the workplace, it is a notorious reality that implies risks to the physical and emotional integrity of the worker. Currently, the media are significant in the identity processes of all professions, expressing a social context experienced by citizens. This study is justified by the need to question the profile of violence against health workers reported by the press in Mato Grosso do Sul. This is a quantitative and qualitative study document based, founded on the analysis of journalistic content. The data were extracted from sources that included articles published on violence against health professionals in the state of Mato Grosso do Sul. The categorical variables used in the data tabulation, which comprise the quantitative analysis, were prepared based on data from SINAN (Information System for Notifiable Diseases). At the same time, information was cross-referenced from the SINAN database, comparing the number of professionals who reported work-related violence with the journalistic content of victims of violence. The qualitative analysis was based on content analysis, based on the reasons reported in the journalistic articles that caused violence against health professionals. The material analyzed indicates that 44 health professionals were victims of work-related violence, of which 51% (n=22) were female, 44% (n=19) were male, and 5% (n=3) were unidentified. 34% (n=15) were doctors, 32% (n=14) were nurses, 25% (n=11) were nursing technicians, 4% (n=2) were dentists, and 5% (n=2) health professionals whose area of activity was not specified. Emergency care units were the places where most reports of violence were made, with 39% (n=17). Verbal violence followed by physical violence were the most reported in the period, with 82% (n=36). The reason for the reported aggressions was specific to each case, however, reading each news article allowed us to extract a general theme that explained the reason for the violence. Most of the aggressions, 29% (n=12), were the result of disagreements in the management of care by the professional. The study highlighted that nursing professionals are the ones who suffer the most work-related violence, especially women, with patients being the main perpetrators of the aggressions. In addition, low adherence to mandatory reporting through SINAN was observed.

Keywords: Health Personnel; Nursing; Mass Media; Surveillance of the Workers Health; Workplace Violence.

LISTA DE SIGLAS

CEREST – Centro de Referência em Saúde do Trabalhador

CNS – Conselho Nacional de Saúde

OMS – Organização Mundial da Saúde

SINAN – Sistema de Informação de Agravos de Notificação

WHO – World Health Organization

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	REFERENCIAL TEÓRICO	12
3	OBJETIVOS	14
3.1	Objetivos específicos	14
4	MÉTODO	14
5	RESULTADOS	16
6	DISCUSSÃO	22
7	CONCLUSÃO	26
	REFERÊNCIAS	28

1 INTRODUÇÃO

É notório que os profissionais da saúde são vítimas constantes de violência no âmbito de trabalho (Oliveira *et al.*, 2022). Existem vários conceitos de violência, em suma, a violência se baseia no “Uso intencional da força ou do poder, realizado ou como ameaça, contra si, uma pessoa, grupo, ou comunidade, que cause ou tenha alta probabilidade de causar lesão, morte ou danos psicológicos (WHO, 2002)”.

Compreendem-se vários conceitos, pois a violência trata-se de uma circunstância complexa, que carrega consigo, principalmente, a influência cultural, uma vez que ela perpetua-se por segmentos sociais, econômicos, políticos e institucionais (Minayo, 2010). Inserida em diversos âmbitos sociais, ela inclui o trabalho, que é caracterizado como “Incidente onde o servidor é abusado, ameaçado ou agredido em circunstâncias relacionadas ao seu trabalho, incluindo o trajeto de ida e volta para o trabalho, envolvendo um desafio explícito ou implícito à sua segurança, bem-estar ou de saúde (International Labour Office *et al.* 2002)”.

Estudos nacionais (Sé *et al.*, 2023; Oliveira *et al.*, 2022) e internacionais (Schablon *et al.*, 2018; Ünal; İşcan; Ünal, 2022) apontam que a violência no ambiente de trabalho é um problema que implica na integridade física e emocional do servidor, assim como consequências negativas para as instituições, dentre as quais incluem-se: diminuição do interesse e desempenho no trabalho, esgotamento, sobrecarga na equipe e desgaste profissional.

Estudos recentes já discutem a naturalização da violência relacionada ao trabalho entre servidores (Sturbelle *et al.*, 2020), que é um problema, uma vez que exista a banalização das atitudes de forma hostil vivenciadas contra profissionais da saúde em hospitais, unidades de pronto atendimento e atenção primária (Sturbelle *et al.*, 2019; Oliveira *et al.*, 2022) tornando a violência algo natural, já esperado no ambiente de trabalho. Um estudo realizado na Turquia (Ünal; İşcan; Ünal, 2022), identificou que a maioria dos profissionais da área da saúde, de sua pesquisa, indicou ter sido alvo de violência no ambiente de trabalho, no entanto, apenas 12,1% denunciaram a ocorrência e 19,1% procuraram as autoridades locais para prestar queixa. As razões mais citadas para os profissionais não levarem o ocorrido adiante foi que já estavam acostumados com a violência e que consideravam as denúncias desnecessárias, pois não haveriam mudanças.

Nos dias atuais, os veículos de imprensa são significativos nos processos identitários de todas as profissões, em especial na área da saúde (Broering *et al.*, 2022). Paralelamente a isso, é necessário analisar como a violência é reportada pela mídia, assim como compreender as condições de trabalho em que os profissionais estão inseridos.

Em 2020, com início da pandemia do COVID-19, no Brasil, decretada pela OMS, a imagem dos profissionais da saúde manteve-se em destaque nos veículos de imprensa. Tais imagens fortaleciam a visibilidade dos trabalhadores como heróis ou anjos, o que não condizia com a realidade vivenciada pelos profissionais, uma vez que trabalhavam em condições precárias de exposição ao vírus, carência de materiais, superlotação das unidades de saúde e falta de equipe (Jouvenel, 2022).

Analisar tais veículos de imprensa não se limita apenas ao fato de entender qual violência foi abordada, ou qual servidor foi a vítima da circunstância, mas sim, avaliar o motivo dessas violências, e dar ênfase à raiz dos problemas previamente discutidos em estudos recentes (Sturbelle *et al.*, 2020; Oliveira *et al.*, 2022), como o déficit de trabalhadores na instituição, a superlotação de pacientes, demora no atendimento ou jornadas de trabalho aumentadas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A concepção de violência empregada neste trabalho compreende as perspectivas de Hannah Arendt. Em sua obra “Da Violência” (1970), a autora expõe seus preceitos quanto à natureza e às exteriorizações da violência no decorrer da história humana.

Discutir as causas da violência é algo bem mais amplo do que uma simples pesquisa em livros antigos, muitos especialistas das ciências da natureza já se reuniram para articular e solucionar o mistério da “agressividade” no comportamento humano, incluindo até mesmo um novo campo da ciência, a polemologia, que estuda os conflitos humanos, lutas, paz e a própria violência.

Assim como os animais irracionais, os seres humanos também se comportam como territorialistas grupais, e para entender que a superpopulação gera estresse e agressividade não são necessários estudos com ratos de laboratório, uma vez que, se analisarmos um dia comum nas favelas das cidades grandes, encontraremos irritação e violência (Tinbergen, 1986). Dessa forma, a autora discute como o homem e o animal possuem as mesmas características, pertencendo ao mesmo reino animal, e possam ser espécies diferentes? O que diferencia realizar estudos comportamentais com o ser homem e o ser animal, se ambos compreendem condutas semelhantes? A reflexão é clara, experiências com animais são mais “fáceis”, não só por questões humanitárias, mas também porque o ser humano sabe como enganar.

Tratar do comportamento violento entre os seres humanos é entender que a agressividade é um impulso instintivo que exerce as mesmas atribuições que o instinto nutritivo e sexual do homem em seu processo vital da espécie. No entanto, tais impulsos são despertados

por necessidades fisiológicas ou estímulos externos, a agressividade, por sua vez, independe de uma provocação. A psicologia afirma que a ausência de provocação leva à repressão da agressividade, que pode acumular “energia” e, em uma eventual explosão, ser tão perigosa quanto uma provocação prévia (Aron, 1968).

Seria então, o ódio a natureza dessa agressividade? Utilizar o ódio como causa da violência é colocar em uma balança pesos diferentes. O ódio não é uma reação automática, não há quem reaja a um tsunami com sentimento de ódio, apenas onde houver uma razão para presumir que tais condições poderiam ser mutáveis, assim como quando nosso senso de justiça for ferido e reagimos com ódio. É fato que a violência é um meio tentador no momento em que se enfrentam situações ultrajantes, em razão de sua rapidez, contudo, agir de forma deliberada vai em desencontro com o sentimento de ódio. Dessa forma, o ódio e a violência, ainda que não sejam, de fato, uma regra, figuram entre as emoções humanas naturais, e libertar o homem de tais emoções, não o tornaria homem.

Em determinado momento, Arendt discute a relação entre violência e poder, afirmando que a violência é a manifestação mais clara de demonstrar poder (Jouvenel, 1945). É através do poder que se entende a dominação, ou seja, corresponde a fazer com o que outro aja conforme meu querer.

Nessa perspectiva, aplicando esses dois contextos na prática, o uso da agressividade, como rota de autoridade, leva um usuário do Sistema Único de Saúde (SUS) a exercer o ato de agredir um profissional da área da saúde para conseguir o que deseja de forma imediata? Arendt reforça isso dependerá do que se entende por poder, uma vez que, a natureza do poder é a efetividade do domínio, ou seja, de qual forma a ordem dada por um bandido armado seria diferente da dada por um policial com uma arma em mãos. Isso é, seria cabível que o profissional rebateria uma agressão com outra agressão, demonstrando assim a autoridade no estabelecimento de trabalho? O desfecho é claro, não.

Em síntese, é insustentável afirmar que a violência e o poder são a mesma coisa; tal hostilidade ocorrerá onde o poder estiver em perigo. Por isso, exercer da violência como via para conseguir um atendimento médico, ou ser atendido de forma mais rápida não prestigiará o “domínio” na situação, ao contrário, o comportamento adotado torna-se motivo para cessar sua autoridade, pois a violência pode destruir o poder, mas é incapaz de criá-lo.

3 OBJETIVO

Realizar um levantamento das violências ocorridas no ambiente de trabalho dos profissionais da área da saúde em Mato Grosso do Sul que foram noticiados pela imprensa.

3.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Descrever as características das agressões, como o tipo de violência, aspectos relacionados ao agressor, motivo da violência, local de ocorrência e profissionais mais atingidos,

Comparar banco de dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) para investigar se alguma dessas notícias houveram notificações de violência relacionada ao trabalho

4 MÉTODO

Trata-se de um estudo quantitativo e qualitativo de base documental, fundamentado em análise de conteúdos jornalísticos. Os dados foram extraídos a partir de fontes que compreendiam matérias jornalísticas sobre violência contra profissionais de saúde no estado de Mato Grosso do Sul, veiculadas nos seguintes portais online: Campo Grande News, Correio do Estado, MídiaMax, G1 MS, Dourados News, RCN67, Opantaneiro, Radiocacula.com e Diarionline - Corumbá, com o recorte temporal de 1º de janeiro de 2012 a 30 de março de 2024.

A análise em base documental é uma concepção metodológica que se constituiu como umas das principais formas de construção do conhecimento no meio da pesquisa desde o século XIX. Tal método de análise documental, propõe que o pesquisador não esteja diretamente na construção dos dados e informações da respectiva fonte selecionada, no entanto, cabe a esta metodologia de análise, circunscrever as informações obtidas de modo que limite ao objetivo abordado na pesquisa, evitando a inclusão de informações que não estejam diretamente associadas ao foco principal do estudo (Grazziotin; Klaus; Pereira, 2022).

Segundo (Bardin, 1977), a análise de conteúdo é uma ferramenta de pesquisa que possibilita compreender mensagens, padrões e significados subjacentes em textos, com o objetivo de interpretar e sistematizar as mensagens contidas em textos e falas. De acordo com Bardin (1977), esse método, no geral, engloba três fases fundamentais que moldam a análise de conteúdo: Pré-análise, onde é traçado o objetivo da pesquisa que guiará o processo. Além disso, define o material a ser analisado, como discursos, entrevistas, jornais, entre outros. Nessa

primeira fase, o foco é a organização inicial, traçando critérios de categorização e codificação para estabelecer o que será analisado.

Na segunda fase, ocorre a exploração do conteúdo, que consiste em codificar um produto bruto (notícias de violência relacionada ao trabalho), transformando-o em informações manejáveis. Isso inclui reconhecer e distinguir elementos repetitivos, abrangentes e redundantes. É nessa hora que o autor sugere a divisão dos dados quantitativos (indicadores frequentes nos próprios elementos da mensagem) e qualitativos (interpretar o sentido e o pretexto por trás do tema). Por fim, o tratamento dos dados, que se baseia em buscar relações entre os achados, correlacionando categorias e possíveis interpretações dentro do contexto social, cultural ou psicológico (Bardin, 1977).

A coleta de dados foi realizada entre os meses de abril e maio de 2024. Aplicando os termos de busca: violência no trabalho, agressão, profissional da saúde, enfermeiro/enfermeira, médico/médica, desacato, ameaça e insulto. Em primeira instância, foi realizado uma varredura não intencional nos sites que mais apresentavam conteúdos jornalísticos de violência contra profissionais da saúde no estado de Mato Grosso do sul, posteriormente, foi ranqueado os portais com maior número de notícias publicadas nas principais cidades do estado.

Em seguida, foram identificados 60 conteúdos jornalísticos, no entanto, através de uma leitura inspeccional do material coletado, foram excluídos os conteúdos duplicados, totalizando ao final, 40 matérias jornalísticas. Os critérios de elegibilidade foram baseados na questão norteadora: Quais as características das agressões relacionadas ao trabalho na área da saúde publicadas pela imprensa sul-mato-grossense? Dentro dessa proposta, foram incluídas matérias jornalísticas que abordavam o motivo da agressão, quem foi o agredido, local da agressão, tipo de violência e quem foi o agressor.

Os dados foram tabulados por meio de uma planilha, utilizando o programa Excel. A partir da leitura das matérias jornalísticas foram criadas variáveis categóricas para a extração e organização dos dados: sexo da vítima, idade, ocupação, local de ocorrência da agressão, cidade, tipo de violência, motivo da agressão, meios de agressão, sexo do agressor, grau de relação com a vítima e veículo de imprensa reportado.

As variáveis categóricas utilizadas na tabulação dos dados, foram elaboradas com base nos dados do SINAN (Sistema de Informação de Agravos de Notificação) junto ao CEREST/MS (Centro de Referência em Saúde do Trabalhador) que inclui todas as notificações de violência relacionadas ao trabalho no estado de Mato grosso do Sul, notificadas por profissionais da área da saúde, no período de 2012 a 2022.

Por fim, foi realizado um cruzamento de informações a partir do banco de dados do SINAN, que compara o número de profissionais que notificaram violência relacionada ao trabalho com os conteúdos jornalísticos das vítimas de violência. O cruzamento se deu a partir da comparação das categóricas: sexo, profissão, cidade, tipo de violência, sexo do agressor, grau de relação com a vítima e data da violência, que assim, sugere a notificação da vítima por meio do SINAN. Tais dados secundários fazem parte de outro projeto de pesquisa “Violência no ambiente de trabalho contra profissionais da área da saúde da Atenção Primária à Saúde e as práticas de prevenção” no qual foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres Humanos da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, seguindo as normas da resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde - CNS.

5 RESULTADOS

Conforme a análise das matérias jornalísticas, 44 trabalhadores foram vítimas de violência relacionada ao trabalho, sendo 51% (n=22) do sexo feminino, 44% (n=19) do sexo masculino, e 5% (n=3) não identificados. Com idade média de 38,7 anos (dp= 8,9).

34% (n=15) são profissionais médicos, 32% (n=14) enfermeiros, 26% (n=11) técnicos de enfermagem, 4% (n=2) dentistas e 5% (n=2) não identificados (não especificada a área). As unidades de pronto atendimento (UPA) foram os locais que mais registraram violência, com 39% (n=17), em seguida, as redes hospitalares com 30% (n=13), semelhante aos serviços hospitalares, as redes de atenção primária também apresentam 27% (n=12), os consultórios particulares e ambientes extra-hospitalares com 4% (n=2).

Tabela 1. Caracterização do perfil dos profissionais da saúde que sofreram agressão, local de serviço e cidade noticiados pela mídia. Mato Grosso do Sul, Brasil. 2012-2024, (n=44).

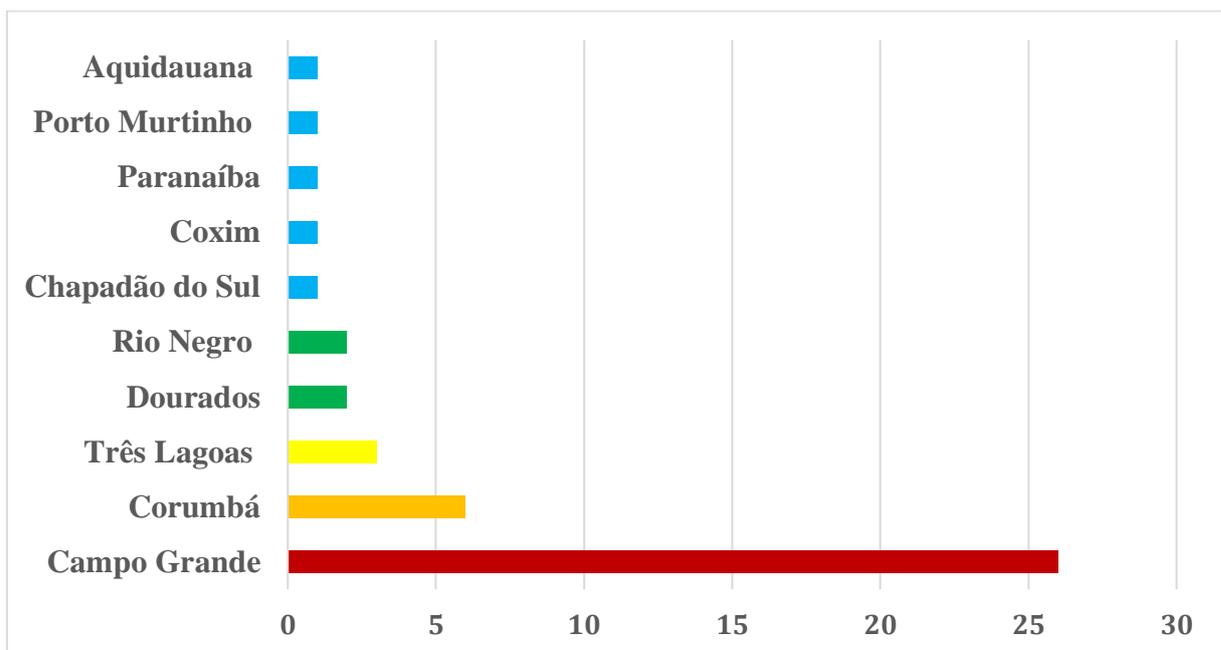
Variável		N	%
Sexo	Feminino	22	51%
	Masculino	19	44%
	Não identificado	3	5%
Idade	20-30	1	2%
	31-40	13	29%
	41-50	3	7%
	51 ou mais	3	7%
	Não identificado	24	55%

Ocupação	Médico	15	34%
	Enfermeiro	14	32%
	Técnico de enfermagem	11	25%
	Dentista	2	4%
	Profissional da saúde (Não especificado)	2	5%
Local de ocorrência	Atenção primária	13	30%
	Rede hospitalar	12	27%
	Unidade de pronto atendimento	17	39%
	Consultório particular	1	2%
	Ambiente extrahospitalar	1	2%

Fonte: Conteúdos jornalísticos do estado de Mato Grosso do Sul, Brasil, 2012-2024.

Campo Grande, Corumbá, Três Lagoas e Dourados foram as cidades com maiores taxas de violência relacionada ao trabalho, com 59% (n=26), 14% (n=6), 7% (n=3) e 5% (n=2), respectivamente (Gráfico 1).

Gráfico 1. Cidades do estado de Mato Grosso do Sul que mais reportaram notícias de violência contra profissionais da saúde. Mato Grosso do Sul, Brasil. 2012-2024, (n=44).



Fonte: Conteúdos jornalísticos do estado de Mato Grosso do Sul, Brasil, 2012-2024.

A violência verbal seguida da violência física foi, sem dúvidas, a mais reportada nesse período, com 82% (n=36). A violência psicológica com 11% (n=5), e por fim, 7% (n=3) relataram violência verbal no âmbito de trabalho. Os agressores são predominantemente do sexo masculino com 66% (n=27), e 34% (n=14) do sexo feminino, a maioria desses agressores

são pacientes do serviço de saúde 66% (n=27), 20% (n=8) são colegas de trabalho dos profissionais, 10% (n=4) são pessoas que não têm vínculo algum com a vítima, 2% (n=1) ex-companheiros(as) da vítima e 2% (n=1) não foram especificados na notícia. A maneira com que as agressões foram perpetradas, em sua maioria 88% (n=36), foram violências realizadas corpo a corpo, por meio de empurrões, socos, chutes e arranhões. Assim como, insultos representaram 7% (n= 3) e a utilização de armas brancas, 5% (n= 3), como canivete e facas (Tabela 2).

O jornal Campo Grande News foi o veículo de imprensa que mais noticiou violências contra profissionais da área da saúde 29% (n=12).

Tabela 2. Caracterização da violência contra os profissionais da saúde noticiados pela mídia. Mato Grosso do Sul, Brasil. 2012-2024, (n=41).

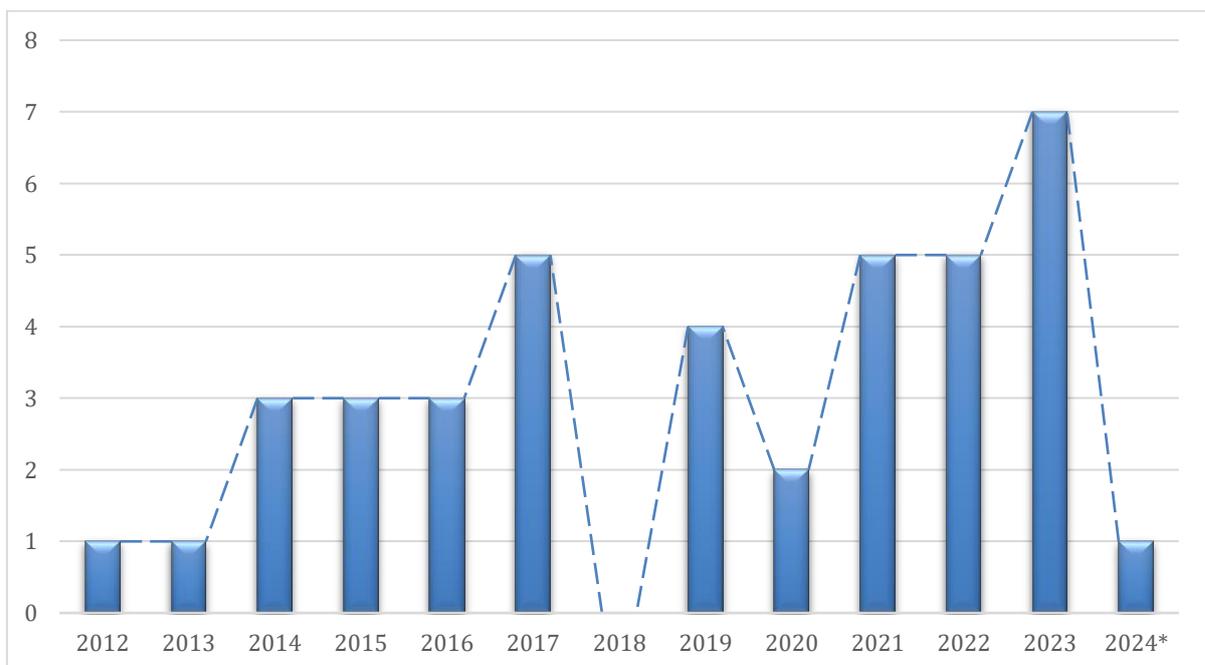
Variável		N	%
Tipo de violência	Física e verbal	36	88%
	Psicológica	5	12%
	Verbal	3	7%
Sexo do agressor	Feminino	14	44%
	Masculino	27	66%
Grau de relação com a vítima	Paciente da unidade	27	66%
	Colega de trabalho	8	20%
	Externos (pessoas que não possuem vínculo com a vítima)	4	10%
	Ex-companheiro(a)	1	2%
	Não Relatado	1	2%
Motivo da agressão	Não concordavam com o manejo do atendimento	12	29%
	Conflito entre profissionais	8	19%
	Demora no atendimento	7	17%
	Surto psiquiátrico	6	15%
	Motivos externos	4	10%
Meios de agressão	Não relatado	4	10%
	Corpo a corpo	36	88%
	Insultos	6	14%
	Arma branca	2	5%

*O tipo de violência e os meios de agressão ultrapassam o nº das ocorrências de violências, pois houveram casos em que registou-se mais de um tipo de agressão dentro de uma reportagem jornalística.

Fonte: Conteúdos jornalísticos do estado de Mato Grosso do Sul, Brasil, 2012-2024.

Ao longo dos anos de 2012 a 2024, nota-se que ocorreu uma variação nos números de casos de violência contra profissionais da saúde reportadas pela mídia. Destaca-se que, de 2012 a 2017, houve um aumento no número de notícias publicadas. No entanto, no ano de 2018, não foram registradas reportagens jornalísticas sobre violência contra profissionais da saúde no estado de Mato Grosso do Sul nos veículos de imprensa. O ano de 2023, por outro lado, destacou-se como o período em que mais foram reportadas matérias jornalísticas sobre o tema no estado.

Gráfico 2. Distribuição das reportagens jornalísticas durante os anos de 2012-2024. Mato Grosso do Sul, Brasil. 2012-2024, (n=40).



*Período correspondente de janeiro a março de 2024.

Fonte: Conteúdos jornalísticos do estado de Mato Grosso do Sul, Brasil, 2012-2024.

O motivo das agressões relatadas foram singulares para cada caso, no entanto, foi extraído diante da leitura de cada matéria jornalística um tema geral que conduzia a razão da violência (Quadro 1). No que concerne as matérias jornalísticas, o motivo que impulsionava as agressões contra profissionais da saúde eram pacientes que não concordavam com o manejo do atendimento 29% (n=12). Por outro lado, 19% (n=8) das matérias abordava a violência entre os próprios profissionais, 17% (n=7) usavam da violência por conta da demora no atendimento, 15 (n=6) agrediram os profissionais em meio a surtos psicóticos, 10% (n=4) foram violências relacionadas a motivos externos e 10% (n=4) não foram relatadas.

Quadro 1 – Cruzamento dos dados qualitativos dos conteúdos jornalísticos que continham o motivo das agressões relacionada ao trabalho contra profissionais da saúde, Mato Grosso do Sul - Brasil, 2012-2024.

Tema da agressão	Análise dos trechos que justificam o motivo da agressão
<p>Não concordavam com o manejo do atendimento</p>	<p>“O paciente deu entrada no início da tarde na unidade em busca de atendimento, alegando estar com uma ferida em seu órgão genital. Um médico homem foi acionado para atender ele, que não ficou à vontade com a médica mulher” (midiamax, 2023)</p> <p>“A paciente sofreu uma queda da própria altura. Então, foi colocada a sonda, mas a idosa tentou tirar e foi impedida pela enfermeira. Assim, agrediu a vítima com socos, tapas e arranhões” (midiamax, 2023)</p> <p>“A jovem chegou à unidade acompanhando a mãe, que relatava dores abdominais, e começou a causar confusão já na recepção, com ofensas aos servidores. No fim da consulta, a jovem "em estado de fúria", partiu para cima da médica. Para defender a médica de uma possível agressão, a enfermeira interveio e teve a mão esquerda mordida, sendo atingida também no pescoço e no olho direito” (G1, 2021)</p> <p>“Ela estava sendo medicada no momento em que a paciente teria agredido com chutes, puxões de cabelo e tapas” (G1, 2017)</p> <p>“Pedi que ele retirasse o soro. O técnico disse que somente após alta médica. A paciente, segundo ele, saiu pelo corredor com o suporte, solicitando a retirada. [...]ao retornar para o quarto, a própria jovem teria retirado o suporte, espalhando sangue pelo chão[...] os profissionais que estavam no local teriam comentado sobre a atitude da jovem, que teria ouvido e voltado onde eles estavam, e começou agredi-lo” (RCN67, 2020)</p> <p>“A paciente pediu um atestado à médica, de 33 anos. A plantonista negou o documento por entender que não havia necessidade e foi agredida” (G1, 2016)</p>
<p>Conflitos entre profissionais</p>	<p>“Durante a discussão sobre a triagem, o gerente teria perdido o controle e agredido o profissional a socos. Na confusão diz que até os óculos chegou a ser arremessado. Na versão dele, o gerente teria ainda feito ameaças e mandando que ele fosse embora, ou o ponto seria cortado” (CampoGrandeNews, 2022)</p>

	<p>“De acordo com um funcionário, a briga começou por motivo banal. "Começou com uma discussão boba, só tinha mulher e aí separaram", afirmou” (CampoGrandeNews, 2022)</p> <p>“O médico e os bombeiros se desentenderam pelo fato do profissional já estar atendendo uma mulher com problemas respiratórios” (CampoGrandeNews, 2017)</p> <p>“O médico que realizaria o procedimento de anestesia alegou ter sido agredido por um ginecologista com um empurrão. O motivo de toda a discussão teria sido o próprio procedimento cirúrgico que realizariam. Ele alega não ter revidado as agressões” (Radiocacula, 2019)</p>
Demora no atendimento	<p>“Segundo apurado pela reportagem, a situação ocorreu devido a demora no atendimento” (CampoGrandeNews, 2023)</p> <p>“O episódio ocorreu quando um dos agressores procurou atendimento médico e, após a acolhida feita pelo médico, diagnosticando que o caso não era grave, não teria concordado em aguardar enquanto o profissional atendia outros pacientes” (Correiodoestado, 2012)</p> <p>“Declarou que depois de esperar cerca de quatro horas e meia por atendimento e ver grupo de pacientes ser atendido, exceto a filha e outra pessoa, foi até a médica, questioná-la sobre a demora.” (Correiodoestado, 2017)</p> <p>“Ao sentar na cadeira de atendimento, ele começou a reclamar por ter esperado muito e começou a fazer ameaças “Hoje não estou bem, posso levantar daqui a qualquer momento e partir para agressão”, disse” (MidiaMax, 2020)</p>
Surto psiquiátrico	<p>“Preso após esfaquear um enfermeiro do CAPS (Centro de Assistência Psicossocial)” (CampoGrandeNews, 2019)</p> <p>“O paciente faz acompanhamento no Caps e, na tarde hoje, ele teve uma reação inesperada e agrediu o funcionário com um objeto perfuro-cortante” (Correiodoestado, 2019)</p>

	<p>“Quando tentavam puncionar a veia do rapaz, mas ele passou a xingá-las com palavras de baixo calão e depois tentou desferir socos contra elas” (MidiaMax, 2022)</p> <p>“A mulher teve um surto psiquiátrico e passou a se comportar de forma violenta. Ela engoliu agulhas e grampos e agrediu uma enfermeira” (RCN67, 2015)</p>
Motivos externos	<p>“Foi agredida e ameaçada de morte pelo ex-companheiro, de 24 anos, dentro do local de trabalho[...] o homem entrou no local já ofendendo-a com palavras de baixo calão. Logo em seguida, ela foi empurrada e caiu no chão, momento em que o acusado foi pra cima dela com a intenção de tomar o aparelho celular” (Diárlionline - Corumbá, 2019)</p> <p>“Os bandidos invadiram o consultório armados e mandaram que não reagisse. Ele foi agredido com chutes e em seguida amarrado” (Diárlionline - Corumbá, 2012)</p>

Fonte: Conteúdos jornalísticos do estado de Mato Grosso do Sul, Brasil, 2012-2024

Com relação aos dados do SINAN, ao todo 55 profissionais da saúde notificaram violência relacionada ao trabalho, sendo 84% mulheres (n=46) e 16% homens (n=9), com idade média de 35 anos (dp=9). Os técnicos de enfermagem foi a classe que mais registrou notificações, sendo 43% (n=24), seguidos pelos enfermeiros com 27% (n=15) e profissionais médicos com 6% (n=3). Dentre os 55 profissionais, 15% (n=8) sofreram violência no âmbito de trabalho mais de uma vez, 70% (n=43) sofreram violência física, seguidos da violência verbal com 28% (n=17), esses dados não representam violências vivenciadas de forma singular, logo, torna-se evidente que um indivíduo pode ter denunciado mais de uma forma de violência em apenas uma notificação.

6 DISCUSSÃO

Estudos nacionais (Tsukamoto *et al.*, 2019; Bordigno; Monteiro, 2021; Sturbelle *et al.*, 2020) e internacionais (Schablon *et al.*, 2018; Jiang *et al.*, 2023) também apontaram que a maioria das vítimas de violência relacionada ao trabalho em servidores da saúde são mulheres. Assim como uma incidência elevada de violência perpetrada contra os trabalhadores de enfermagem (Busnello *et al.*, 2021; Tsukamoto *et al.*, 2019) e de profissionais médicos. A discussão na literatura é que, tais profissionais possuem uma interação mais frequente com

pacientes e seus familiares, sendo assim, expostos à violência no ambiente de trabalho em comparação com o demais profissionais (Ünal; İşcan; Ünal, 2022).

Os profissionais de enfermagem vivem rotineiramente em cenários desafiadores devido à sua profissão, além de serem responsáveis pelo manejo de usuários e seus familiares, lidam com angústias, sofrimentos e, em certos momentos, morte de pacientes (Busnello *et al.*, 2021). Assim como discutido em outros estudos, frequentemente estão sujeitos a situações de violência ao longo do desempenho de suas funções, e são os principais profissionais que sofrem agressões físicas e verbais dos usuários (Busnello *et al.*, 2021, Tsukamoto *et al.*, 2019).

A violência repercute em várias esferas, gerando transtornos individuais e coletivos. Os trabalhadores que vivenciam tais atos estão expostos a diversos danos à saúde, tanto mental quanto física, essa soma, futuramente, pode gerar doenças nos trabalhadores, devendo ser encarada como um problema crítico de saúde (Silva; Silveira; Gedrat, 2021).

Os transtornos coletivos também são frutos da violência, uma vez que fragilizam a qualidade da assistência ao paciente, por impactarem na relação interpessoal com os usuários (Busnello *et al.*, 2021). Outrossim, um estudo brasileiro (Bordignon; Monteiro, 2019) que buscava entender o que levaria um profissional da saúde a deixar seu trabalho afirmou que as vítimas de violência no ambiente de trabalho estavam mais dispostas a abandonar seu serviço do que aquelas que nunca foram vítimas de violência, o que pode acarretar em uma rotatividade constante de funcionários nas instituições.

O sexo masculino é, em sua maioria, o autor das agressões, esse achado reforça o que foi encontrado em outros estudos com trabalhadores da saúde (Tsukamoto *et al.*, 2019; Oliveira *et al.*, 2022), onde mais da metade dos agressores eram do sexo masculino, ao contrário das vítimas, que eram do sexo oposto.

Um estudo realizado no Rio Grande do Sul (Schablon *et al.*, 2018), que abordava a violência relacionada ao trabalho nos eixos hospitalares e na atenção primária, revelou que, nos hospitais, os agressores mais comuns eram colegas de trabalho, ao contrário da atenção primária, onde os pacientes eram a maioria que cometia as agressões. Esse achado entra em disparidade com o presente estudo, pois mais da metade dos agressores tinham apenas a relação de pacientes/usuários com os profissionais em ambas as redes de atenção à saúde.

Como mencionado acima, mais da metade das matérias jornalísticas indicava que a violência predominante era a física, no entanto, já existem estudos que questionam a raridade de uma agressão isolada, ou seja, dificilmente um indivíduo agrediria alguém sem antes utilizar palavras de baixo calão e ofensas. Assim, na maioria das vezes, a violência física está associada

à violência verbal, sendo ambas causadoras de possíveis traumas físicos e/ou psíquicos (Tsukamoto *et al.*, 2019).

Os resultados desta pesquisa são dissonantes em relação a estudos recentes com dados primários (Sturbelle *et al.*, 2020; Oliveira *et al.*, 2022), nos quais a violência verbal e psicológica é predominante nos serviços de saúde. No entanto, por se tratar de eventos noticiados pela mídia, já se esperava o contrário de outros estudos, afinal de contas, tais casualidades são apenas publicadas a menos que haja algum dano concreto de violência para chamar atenção do público.

Os motivos que implicam nas causas das violências são específicos a cada situação. No entanto, elencar tais pretextos permite que se trabalhe em cima de propostas de intervenção. Em se tratando de agressores, os usuários do serviço são os que mais aparecem nos estudos como perpetradores de violência contra profissionais da saúde (Sturbelle *et al.*, 2020; Oliveira *et al.*, 2022), e colegas de trabalho em menor escala (Tsukamoto *et al.*, 2019). A maioria das reportagens jornalísticas se tratava de aspectos relacionados a demora no atendimento e o atendimento propriamente dito, tal qual é um impasse, pois a raiz desse problema pode estar relacionada a superlotação das unidades, ou até mesmo a falta de profissionais nos serviços de saúde (Jouvenel, 2022).

Conviver em uma sociedade implica na inevitabilidade de discussões entre cidadãos, uma vez que estes são seres sociais hábeis de pensamentos e lógicas diversas. A literatura já discute que um dos principais motivos de violência entre colegas de trabalho é a comunicação ineficaz nas relações laborais, nesse sentido, torna-se imprescindível a implementação de medidas que promovam o diálogo e a escuta ativa entre profissionais (Busnello *et al.*, 2021).

Um estudo realizado em uma unidade de saúde mental em Minas Gerais destacou que em hospitais psiquiátricos, a agressão contra trabalhadores de saúde é um problema sério e de caráter global. A maioria dos profissionais que participaram da pesquisa relatam que já sofreram violência contra pacientes, e que mais da metade não fizeram notificação por não confiarem em políticas institucionais existentes quanto à violência relacionada ao trabalho. Este fenômeno é considerado natural no contexto psiquiátrico, ao passo que tais agressões são reconhecidas como inerente ao exercício do trabalho (Pereira *et al.*, 2024).

As causas das violências que não foram encaixadas em temas específicos foram classificadas como motivos externos, ou seja, motivações pontuais pelas quais a violência foi perpetrada. Agressões estas que, apesar de não comporem números significativos nos dados da pesquisa, já são discutidas em outros estudos que tratam da violência de gênero e da própria violência organizada por grupo de pessoas (Sturbelle *et al.*, 2020; Tsukamoto *et al.*, 2019).

Essas ocorrências também colocam em risco a integridade física e mental desses trabalhadores, apesar de não estarem intrinsecamente relacionadas ao ambiente de trabalho, reforça que a violência está inserida em diversos contextos sociais e culturais (Minayo, 2010).

O século XXI trouxe consigo diversas novidades na tecnologia, ao passo que numerosos assuntos são discutidos em jornais e noticiários, no entanto, a qualidade destes passa a ser insatisfatória, pois o público não consegue se prender a nenhum deles (Medeiros, 2010). A mídia, sem dúvidas, é uma das principais esferas de atração do círculo social. Por se tratar de um meio de comunicação amplo, o usuário procura nela o que lhe interessa, e é claro que a violência é um fenômeno que seduz o público, por se tratar de atos danosos a um ou mais indivíduos. Porém, o resultado de uma superexposição de relatos e imagens de violência, acaba gradativamente diminuindo sensibilidade coletiva, ou então, o espanto por tais feitos (Medeiros, 2010). Desse modo, a violência ganha cada vez mais a naturalidade e aceitabilidade no meio social.

A notificação compulsória de violência relacionada ao trabalho é uma das formas de quantificar e controlar tais agravos. O baixo registro desses eventos não é uma falha apenas no incentivo por parte dos gestores, mas também, na escassez de medidas pontuais para lidar com a violência no ambiente de trabalho (Tsukamoto *et al.*, 2019). O baixo número de registros não ocorre apenas por falta de estímulo da empresa para com seus funcionários, mas também está diretamente relacionado com a situação emocional da vítima, uma vez que o medo de perder o cargo, vergonha, receio de perseguição e a preocupação com o desemprego são fatores que impactam na decisão de realizar uma notificação de violência (Tsukamoto *et al.*, 2019).

O presente estudo realizou um cruzamento de dados com um projeto de pesquisa recente, chamado “Violência no ambiente de trabalho contra profissionais da área da saúde da Atenção Primária à Saúde e as práticas de prevenção”, que obteve uma base de dados que incluía as notificações de violência relacionadas ao trabalho no estado de Mato Grosso do Sul, entre os anos de 2012 a 2022, período semelhante ao do presente estudo. Foram registradas 55 notificações de violência relacionada ao trabalho. Ao cruzar os dados, apenas 3 ocorrências de violência coincidem na mesma data, correspondendo ao sexo, cidade, ocupação e à data da violência.

Conforme o cruzamento de dados, dos 44 profissionais da área da saúde, somente 3 realizaram a notificação de violência no ambiente de trabalho, ou seja, mais da metade desses trabalhadores que sofreram agressão, segundo os conteúdos jornalísticos, não realizaram notificação por meio do Sistema de Informação de Agravos e Notificação. Isso é preocupante, pois reforça a ideia da naturalização da violência pelos trabalhadores da saúde que acreditam

que tais atos fazem parte da rotina de trabalho (Schablon *et al.*, 2018). Assim, os profissionais precisam estar atentos às diferentes formas de violência sofridas no âmbito de trabalho e utilizar essa ferramenta para denunciar as agressões, sejam elas de qualquer natureza: verbal, física, psicológica, sexual, entre outras (Tsukamoto *et al.*, 2019).

Outro achado a ser discutido é com relação a dissonância entre as classes trabalhadoras, onde no SINAN, os trabalhadores da área da enfermagem possuem um número maior de notificações de casos de violência, já no que concerne à mídia, os profissionais médicos são os mais mencionados nas matérias jornalísticas. Logo, há uma lacuna entre esses dados, que sugere algumas hipóteses: ou há uma subnotificação de violência contra médicos através do SINAN, ou que há uma valorização em conteúdos jornalísticos com estes profissionais. Essa discussão gira em torno da divisão social do trabalho, onde estudos discutem a hierarquização das profissionais na área da saúde, e a medicina ganhando maior relevância entre as profissionais na saúde (Silva, 2018).

Como limitação do estudo, destaca-se a questão da diferença no recorte temporal entre os dados, onde os conteúdos jornalísticos possuem um recorte de 13 anos (2012-2024) e o SINAN de 11 anos (2012-2022), impossibilitando o cruzamento dos dados nos anos de 2023 e 2024.

7 CONCLUSÃO

Este estudo destacou a violência relacionada ao trabalho como um dos principais obstáculos na rotina dos profissionais da área da saúde, exibindo o perfil das vítimas e dos perpetradores, bem como o tipo de violência em seus diversos serviços de saúde.

Além disso, permitiu identificar que a maioria dos conteúdos jornalísticos prioriza veicular matérias cujo tema central está relacionado à ocorrência de violência física, sugerindo que o jornalismo busca reportar temáticas dessa natureza por impactar o imaginário coletivo das audiências e captar a atenção destes numa estratégia de espetacularização, no entanto, a valorização das ocorrências de violência física ocorre também no SINAN, uma vez que, em pesquisas com dados primários, a violência verbal é a mais relatada entre os trabalhadores. Já em matérias jornalísticas e notificações no SINAN, a violência física ganha destaque, sugerindo subnotificações de violências verbais.

Portanto, é imprescindível que os servidores da saúde saibam identificar os tipos de violência dentro do ambiente de trabalho, assim como, tenham conhecimento a respeito das

formas de notificação compulsória e a importância desta conduta, para quantificar e estabelecer medidas que garantam e promovam a saúde do trabalhador.

Tais achados são significativos para compreensão do fenômeno da violência no âmbito do trabalho e para elaboração de condutas singulares e diretrizes em diferentes contextos, que viabilizem o trabalho seguro e minimizem situações de hostilidade na rotina dos profissionais. Expondo assim, a importância de estudos relacionados ao tema, dentro e fora da área da saúde, uma vez que a violência relacionada ao trabalho coloca em risco a saúde física e mental dos trabalhadores.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, H. **Da violência**. 2ª ed. Maria Claudia Drummond, translator. 1970. p. 4-56.

ARON, R. **La Rivolution Introuvable**, 8 ed, p. 41, 1968.

BARDIN, L. (org.), **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. *E-book*. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7684991/mod_resource/content/1/BARDIN__L._1977_Analise_de_conteudo._Lisboa__edicoes__70__225.20191102-5693-11evk0e-with-cover-page-v2.pdf. Acesso em: 10 ago. 2024

BORDIGNO, M.; MONTEIRO, M. I. Análise da violência no trabalho contra profissionais de enfermagem e possibilidades de prevenção. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, [s. I.], v. 42, p. e20190406, abr. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2021.20190406>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/dBTYwwQk4MLTHYgcV7WHyDL/?lang=en>. Acesso em 09 set. 2024.

BORDIGNON, M.; MONTEIRO, M. I. Preditores da intenção de trabalhadores de enfermagem em deixar a unidade de trabalho, instituição de saúde e profissão. **Rev. Latino-Am. Enfermagem** [s. I.], v. 27, p. e3219, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1518-8345.3280.3219>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/184965>. Acesso em: 09 set. 2024.

BROERING, L.; PADILHA, M. I. C. S.; FORTE, E. C. N.; PERES, M. A. A. Identidade profissional das enfermeiras em tempo de pandemia: novos/velhos desafios a partir da mídia jornalística. **Revista Gaúcha de Enfermagem** [s. I.], v. 43, p. e20220017, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2022.20220017.pt>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/Lk3NKzPVMtFNxr6pPjhHSPx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2024.

BUSNELLO, G. F.; TRINDADE, L. L.; PAI, D. D.; BECK, C. L. C.; RIBEIRO, O. M. P. L. Tipos de violência no trabalho da enfermagem na Estratégia Saúde da Família. **Escola Anna Nery** [s. I.], v. 25, n. 4, p. e20200427, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2020-0427>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/Tff6h5Xn4CsT4tsNFLwb73N/?lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2024.

BUSNELLO, G. F.; TRINDADE, L. L.; PAI, D. D.; BRANCALIONE, D.; CALDERAN, M. M.; BAURMANN, K. B. Enfrentamento da violência no trabalho da enfermagem no contexto hospitalar e na Atenção Primária à saúde. **Enfermería Global** [s. I.], v. 20, n. 2, p. 216-53, abr. 2021. DOI: <https://doi.org/10.6018/eglobal.425181>. Disponível em: <https://revistas.um.es/eglobal/article/view/425181>. Acesso em 09 set 2024.

GARCIA, G. P. A.; MARZIALE, M. H. P. Indicadores de esgotamento profissional em trabalhadores da Atenção Primária à Saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem** [s. I.], v. 71, n. 5, p. 2334-42, 2018. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0530>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/JykXxzMmMnZmL8WFd8mC3s/?lang=en>. Acesso em 10 set. 2020.

GRAZZIOTIN, L. S.; KLAUS, V.; PEREIRA, A. P. Pesquisa documental histórica e pesquisa bibliográfica: focos de estudo e percursos metodológicos. **Pro-posições**, [s.I.], Campinas –

SP, v. 33, p. e20200141, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-6248-2020-0141>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/GJCbBcY4rdVdvQY56T9qLRQ/>. Acesso em: 03 ago. 2024.

INTERNATIONAL LABOUR OFFICE; INTERNATIONAL COUNCIL OF NURSES; WORLD HEALTH ORGANIZATION; PUBLIC SERVICES INTERNATIONAL.

Framework guidelines for addressing workplace violence in the health sector. Geneva: WHO, 2002. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9221134466>. Acesso em: 11 set. 2024.

JIANG, D.; WANG, Q.; XIAO, X.; ZHANG, J.; XIE, Y.; ZHU, Y.; LI, S.; BAO, L.; SONG, H.; YANG, Q. Workplace violence against COVID-19 front-line healthcare workers versus non-front-line in Hangzhou, China: a cross-sectional study. **BMJ Open** [s. l.], v. 13, p. e073226, Sep. 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.1136/bmjopen-2023-073226>. Disponível em: <https://bmjopen.bmj.com/content/13/9/e073226>. Cited: 16 set. 2024.

JOUVENEL, B. **On Power: The Natural History of Its Growth.** 1 ed, p. 93. Oct. 1945.
LIMA, C. C. V. **Repercussão dos estereótipos heroicos e sacrais da enfermagem na mídia jornalística durante a pandemia da covid-19.** 2022. Tese (Graduação Departamento de Enfermagem) - Universidade de Brasília Faculdade de Ciência da Saúde, Brasília, 2022.

SILVA, M. O. O. **A enfermagem na lógica da hierarquização, da divisão social e técnica do trabalho na sociedade capitalista: evidências da precarização no processo de trabalho e no processo formativo do trabalhador de Nível Médio.** 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional em Saúde) - Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/32065>. Acesso em: 30 set. 2024

MEDEIROS, M. Violência da mídia, tecnorracionalismo e cidadania. **Comunicação & Informação** [s. l.], v. 12, n. 1, p. 16–26, 2010. DOI: 10.5216/c&i.v12i1.10866. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/10866>. Acesso em: 16 set. 2024.

MINAYO, M. C. S. Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde. In: NJAINE, K.; ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P.; AVANCI, J. Q. (ed.). **Impactos da Violência na Saúde**, ENSP, Editora FIOCRUZ, 2020, p. 19-42. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/p9jv6/pdf/njaine-9786557080948-04.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2024.

OLIVEIRA, S.; CASTRO, A. C. O.; BOTELHO, C. A. O.; BOTELHO JUNIOR, C. A. O.; BOTELHO, J. A. O.; SANTOS, S. O.; ROCHA, B. A. M. Violência ocupacional no âmbito da equipe de enfermagem no município de ceres – go. **Vita et Sanitas** [s. l.], v. 16, n. 1, p. 219-233, 2022. Disponível em: <https://unigoyazes.edu.br/revistas/index.php/VitaetSanitas/article/view/300>. Acesso em: 11 set. 2024.

PEREIRA, P. G.; GIULIANI, C. D.; MENDONÇA, G. S.; SILVA, F. F. As violências e os sentimentos dos profissionais de enfermagem vítimas de paciente(s) com transtorno(s) mental(is) em uma unidade de saúde mental de Minas Gerais. **Contribuciones a Las Ciencias Sociales** [s. l.], v. 17, n. 7, p. 01 – 21, jun. 2024. DOI: 10.55905/revconv.17n.7-180.

Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/8346>. Acesso em: 12 set. 2024.

SCHABLON, A.; WENDELER, D.; KOZAK, A.; NIENHAUS, A.; STEINKE S. Prevalence and Consequences of Aggression and Violence towards Nursing and Care Staff in Germany—A Survey. **International Journal of Environmental Research and Public Health** [s. l.], v. 15, n. 6, p. e1274, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.3390/ijerph15061274>. Disponível em: <https://www.mdpi.com/journal/ijerph>. Acesso em: 11 set. 2024.

SÉ, A. C. S.; MACHADO, W. C. A.; GONÇALVES, R. C. S.; TONINI, T.; CRUZ, V. V.; SILVA, H. F.; OLIVEIRA, R. C. S.; FIGUEIREDO, N. M. A. Consequências da violência contra enfermeiros no contexto do atendimento pré-hospitalar. **Enfermagem em foco** [s. l.], v. 14, p. e-202353, jul. 2023. DOI: <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2023.v14.e-202353>. Disponível em: <https://enfermfoco.org/article/consequencias-da-violencia-contra-enfermeiros-no-contexto-do-atendimento-pre-hospitalar/>. Acesso em: 09 set. 2024.

SILVA, F. B.; SILVEIRA, E. F.; GEDRAT, D. C. Violência sofrida no trabalho: um estudo com profissionais do setor de urgência e emergência de um hospital do norte do Brasil. **Aletheia** [s. l.], v. 75, n. 2, p. 67-81, 2021. DOI: <https://doi.org/DOI10.29327/226091.54.2-7>. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-03942021000200008&script=sci_abstract. Acesso em: 13 set. 2024.

STURBELLE, I. C. S.; PAI, D. D.; TAVARES, J. P.; TRINDADE, L. L.; BECK C. L. C.; MATOS, V. Z. Tipos de violência no trabalho em saúde da família, agressores, reações e problemas vivenciado. **Revista Brasileira de Enfermagem** [s. l.], v. 73, p. e20190055, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0055>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/56cYqDgKHCR4tHxMLZWsgrv/?lang=en>. Acesso em: 10 set. 2024.

TINBERGEN, N. “On War and Peace in Animals and Man. **Science**, v. 160, p.1411, jun. 1968.

TSUKAMOTO, S. A. S.; GALDINO, M. J. Q.; ROBAZZI, M. L. C. C.; RIBEIRO, R. P.; SOARES, M. H.; HADDAD, M. C. F. L.; MARTINS, J. T. Violência ocupacional na equipe de enfermagem: prevalência e fatores associados. **Acta Paulista de Enfermagem** [s. l.], v. 32, n. 4, p. 425-32, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0194201900058>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/T6hqPLG7hR7SRQy4jNzM4vc/>. Acesso em: 10 set, 2024.

ÜNAL, G. Ö.; İŞCAN, G.; ÜNAL, O. The occurrence and consequences of violence against healthcare workers in Turkey: before and during the COVID-19 pandemic. **Family Practice** [s. l.], v. 39, n. 6, p. 1001–1008, Apr. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1093/fampra/cmac024>. Available from: <https://academic.oup.com/fampra/article/39/6/1001/6565602>. Cited: 16 sep. 2024.

VIEIRA, C. E. C. Violência no trabalho: dimensões estruturais e interseccionais. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, [s. l.], v. 48, p. edcinq2, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/2317-6369/39422pt2023v48edcinq4>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbso/a/Fq8PjQyMzCzq6PpBsbvdXsJ/?lang=pt>. Acesso em: 09 set. 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. (org). **World report on violence and health.**
Geneva: WHO, 2002. E-book. Disponível em:
<https://www.who.int/publications/i/item/9241545615>. Acesso em: 11 set. 2024.